

A RELAÇÃO DO SUJEITO COM O MEIO-AMBIENTE NO ROMANCE TOTAL: CEM ANOS DE SOLIDÃO. DIALOGANDO COM A NARRATIVA APOCALÍPTICA

THAIS RAMM KNUTH¹; PATRÍCIA SOTO VIEIRA²; ALINE COELHO DA SILVA³

¹*Ufpel – thaisknuth@gmail.com* 1

²*Ufpel – patibolo@hotmail.com* 2

³*Ufpel – silva.aline.coelho@gmail.com* 3

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui resumido se propõe a examinar a obra *Cem anos de solidão* (2003), como resultado do projeto de pesquisa *A relação do sujeito com o meio-ambiente no romance total: Cem anos de solidão*. Exploraremos a obra de García Márquez sob uma perspectiva ecológica, baseada no estudo ecocrítico de GARRARD (2006), o qual discorre sobre a representação da natureza nos produtos culturais, perpassando pela imagem formada no consciente coletivo, determinantes para a formação do sujeito e sua relação com o espaço que está inserido e que modifica, através da cultura e seus meios de produção.

Em *Cem anos de solidão* (2003) testemunhamos a fundação de uma aldeia inicialmente próspera, mas que com o passar do tempo, o desenvolver das gerações da família protagonista, os Buendía, e as interferências estrangeiras, vai tendo o seu espaço degradado e junto a ele a família marcada pela sina da solidão.

Sob este enfoque, utilizaremos ainda as considerações ecológicas de BOFF (1995) para refletirmos acerca da organização das personagens no espaço que criam e modificam — mas que também são criadas e modificadas pelo espaço, numa relação íntima — bem como as consequências do derradeiro final, o que nos leva a pensarmos a obra como portadora de uma retórica apocalíptica, presente em diversas manifestações culturais que muitas vezes atendem a interesses políticos e/ou sociais, principalmente naquela mais difundida no ocidente, o texto bíblico.

BOFF (1995) afirma que a ecologia trata de estudar os seres vivos e inertes em uma interação e inter-ligação entre eles, assim

“Um ser vivo não pode ser visto isoladamente como um mero representante de sua espécie, mas deve ser visto e analisado sempre em relação ao conjunto das condições vitais que o constituem e no equilíbrio com todos os demais representantes da comunidade dos viventes em presença (biota e biocenose)”. (BOFF, 1995, p.18)

2. METODOLOGIA

Após a leitura da obra literária, partimos para a leitura de *Ecocrítica* de GARRARD (2006), a qual nos deu o primeiro embasamento do que é uma leitura ecocrítica, que o autor define como observar a forma como a natureza é retratada culturalmente e o efeito dessa representação através das mais diversas metáforas.

Em segundo lugar, a leitura de *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres* de BOFF (1995) serviu para nossa concepção de ecologia, no que tange aos seguintes aspectos: a ligação e a ruptura do ser humano para com a natureza;

relação do macrocosmo com o microcosmo; os efeitos do progresso industrial; e por fim, a visão da Terra como um organismo vivo consciente.

Para um melhor entendimento da obra, ainda fizemos a leitura de alguns artigos científicos, dentre eles cito a dissertação de mestrado *Macondo: além da terra firme (Um estudo sobre a cidade imaginária)* de LUCENA (2008) cuja intertextualidade com as escrituras sagradas e análise dos momentos de vínculo e ruptura com o exterior foram de grande esclarecimento para a elaboração deste trabalho.

Por fim, utilizamos a intertextualidade com o livro do Apocalipse nos aspectos referentes às pestes e a profecia que revela o fim da estirpe (Buendía) nos pergaminhos de Melquíades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

BOFF (1995) nos faz refletir sobre o tipo de sociedade que construímos, o quanto somos responsáveis pela extração dos recursos naturais e pela desigualdade social, por fazermos parte de uma cultura que desde os primórdios viu a Terra como fonte, como matéria-prima para o nosso progresso desmedido. A não consciência de que somos parte da natureza, de que nossa origem e nosso futuro dependem e estão interligados com a vida da Terra, nos tornou distantes de todos os seres e de nós mesmos.

Em *Cem anos de solidão* (2003) notamos que o destino das personagens está marcado pela mesma sinal, dos vícios que levavam à solidão todas as gerações dos Buendía. Essa sinal esteve desde antes da fundação da cidade, ela foi trazida por José Arcadio e Úrsula Iguarán desde o momento em que José Arcadio comete o assassinato em Riohacha. Aqui, interligamos a intertextualidade bíblica com a ecologia. Na passagem do Gênesis (Gen. 4:1-15) que Caim mata Abel, seu irmão, por ciúmes, a punição do Criador consiste em marcar Caim com um sinal para que ele seja reconhecido pelo seu pecado e vague pela Terra abandonado pelo Criador. Temos, deste modo, a sinal dos Buendía, a sinal da culpa que carregam pelo pecado contra a criação, seja ela homem, mulher, animal, água ou terra. A sinal que os fez vagar em busca de uma terra que nunca os foi prometida, como aponta LUCENA (2008).

Nessa lógica, nos aterremos à intertextualidade apocalíptica. O fim da estirpe, profetizado nos pergaminhos de Melquíades e decifrados na geração apocalíptica por Aureliano Babilônia, nos dá a prova desse destino já traçado desde o início, o qual nenhuma personagem consegue escapar.

A peste da insônia e a peste da companhia bananeira ilustram essa intertextualidade com a degradação que causam ao espaço da narrativa, culminando com a ruptura de qualquer contato de Macondo com o exterior ou novos forasteiros. As pestes levaram a aldeia à beira da perda de consciência da sua própria existência, por não saberem lidar com o tempo, e também a quase inundação total da aldeia pela chuva derradeira, vista toda transformação do solo e da cultura, inclusive da mudança no ciclo das chuvas, cometida pela companhia, o que parece revelar os pergaminhos ainda não lidos do cigano Melquíades.

Ainda, a instalação da companhia bananeira estrangeira em Macondo — responsável por se apropriar dos recursos naturais da região e da sua mão de obra, explorando tanto a terra quanto os habitantes que dali tiravam seu sustento — com a desculpa de progresso para a região, tinha o objetivo de acumular riqueza para o seu país de origem. Quando a companhia abandonou

a região devido ao prolongado dilúvio — que no Gênesis é a purificação da terra como possibilidade de uma nova chance para a humanidade — Macondo estava em ruínas e mais uma vez isolada.

4. CONCLUSÕES

O trabalho traz a reflexão acerca do velho paradigma do ser humano com o seu meio, que reflete em suas atitudes e respectivas consequências.

Não importa as tentativas das personagens de seguirem seus desejos, nem as tentativas de tornar Macondo uma cidade legitimamente próspera, porque seu destino é o mesmo. O destino de um é o destino de todos e, assim, o destino da Terra. Como no paradigma ecológico, no qual a inter-ligação das partes de um todo, regula as partes de um todo ainda maior, configurando o cosmo.

Nessa configuração, os habitantes de Macondo, bem como o espaço e o tempo, representam elementos que inter-ligados formam o sistema Macondo, e esse sistema inter-ligado à sistemas maiores, como a América Latina, são elementos que desencadeiam sempre em sistemas maiores ainda, constituindo o nascimento, a vida e a morte da Terra.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BOFF, Leonardo. **Ecologia**: Grito da Terra Grito dos Pobres. São Paulo: Editora Ática, 1995.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

MÁRQUES, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Editora Record, 24^a edição 2003.

Dissertação

LUCENA, Karina de Castilhos. **Macondo: Além da terra firme (Um estudo sobre a cidade imaginária)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) - Programa de Pós-graduação em Letras e Cultura Regional, Universidade de Caxias do Sul.

Documentos eletrônicos

BÍBLIA. On Line. Acessado em 01 de julho 2016. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/1>